

PARTENON LITERÁRIO

(Instalação)

(Discurso proferido pelo Sr. Apolinário José Gomes
Porto Alegre)

Senhores. — O homem não é somente essa alimária que Cuvier classificou entre os bimanos omnívoros, é alguma coisa superior, um ente dotado de razão e liberdade desenvolvendo-se nos domínios do tempo e do espaço, caminhando sempre sob as leis imutáveis do progresso.

Já lhe vai bem longa a existência, bem longo o estágio percorrido; já quinhentos séculos cingem-lhe a fronte soberana, e no entanto marcha, marcha sempre, como o Ahasvero legendário, como o náutico da solidão dos mares, apenas tendo preenchido uma mínima parte de seus destinos.

Oh! quão insano não tem sido o seu labutar!

Como não tem regado os marcos de sua romaria com pungentes lágrimas!

Quantas vezes prosseguindo após uma idéia grandiosa, não tem deixado nas sarças do caminho fragmentos de suas carnes e torrentes de seu precioso sangue?!

Desde o momento em que a primeira aurora raiou sobre nosso planeta ao mágico *fiat lux* do Criador dos mundos, o homem marcou também seu primeiro dia de angústias e prantos, sua primeira página de tormentos, achando-se ante a natureza que se lhe antolhava terrível e inexpugnável.

Não era para menos.

O Senhor dera à águia dos espaços, ao leão dos bosques e ao habitante das águas armas e vestidos, às plantas e flores bondosa proteção, e só o homem fora lançado sobre a terra, em toda a sua nudez exposto aos ardores da canícula, aos gelos do polo, e ao ludibrio do mais abjeto réptil, pois não tinha um só recurso de defesa!

Nessa primavera esplêndida da criação, quando tudo efervescente de entusiasmo, ébrio de alegria e as hosanas de gratidão, só ele engolfado na profunda noite do desespero arrancou soluços do imo d'alma, só ele chorou! Copioso regato

emanou de seus olhos, banhando o solo em que vinha habitar!

Mas o pranto passou, anódino maná circulou-lhe nos seios d'alma, furtivo, célebre lampejo radiou-lhe a fronte proeminente... Ele ergueu-se...

O pensamento majestoso e divino fugiu-lhe rápido das obras do cérebro. A consciência e o raciocínio surgiram... Ergueu-se senhor, correu às selvas, mirou uma árvore abateu-a, e de seus despojos fez uma arma.

Então julgou-se forte, muito forte, mais forte que a águia, o leão, e essas moles de rochedos que ameaçavam esmagá-lo com seu porte senhoril. Era Nemrod.

A experiência veio mostrar-lhe depois que entre os animais, objeto de suas perigosas correrias, alguns havia dignos de conviver com ele, ministrando-lhe o necessário; pensou pois domesticá-los, e a arma de caça converteu-se num cajado de pastor.

Anos decorreram e num belo dia Esaú vendia sua progenitora por um prato de lentilhas: era a agricultura que vinha tomar seu lugar de honra no festim da civilização.

A família apareceu, esta produziu a cidade, e muitas cidades depois reunindo-se sob as mesmas leis e direção dum mesmo patriarca criaram a nação.

Esses tempos esplêndidos na caça, no cuidado dos rebanhos e da lavoura foram exclusivamente de constante combate com a natureza. O pensamento ainda não desabrochava as asas na atmosfera diáfana e pura da arte e da ciência; só muito depois a Índia, a China, o Egito, a Assíria, Grécia e Roma, umas após outras, foram roubando algumas horas aos misteres materiais para consagrá-las ao estudo resumido nesta sublime trindade — o verdadeiro, o bom e o belo.

Porém como não foi doloroso, nessas épocas remotas, o tirocinio das idéias civilizadoras! O homem eminente já não tinha só a combater contra os oceanos e ventos a que Jasão e a galera fenícia impunham leis, contra as feras que fugiam à aproximação dos seus passos ou sujeitavam-se ao seu jugo, contra os rochedos que ele desbastava-os, reduzindo-os a sua morada, e contra o solo, cujo seio rompia, obrigando-o a retribuir com ubérrimas messes; não... mas sim lutas mais travadas e mais renhidas contra a ignorância dos outros homens, que, cegos, loucos, desvalrados tinham-lhe ódio, e votavam-no quase sempre a sanguinários holocaustos.

Era triste vê-los, ora atando Prometeu no Cáucaso exposto à voracidade dos abutres, ou propinando a cicuta a Sócrates, ora dando o ostracismo a Aristides, ou uma cruz a Cristóvão Colombo.

Eis a antiguidade do gênero humano, porém nela também há fases em que as letras, as artes e as ciências refulgiram com peregrino fulgor, como sob a influência de Sesostris, Semiramis, Salomão, Péricles, Ptolomeu e Augusto.

A média idade é apenas uma época de transição, em que de longe ao longe ouvia-se uma ou outra voz de "troubador ou minnesinger" escoar-se das ameias do castelo feudal, os cânticos graves, místicos e solenes do cristianismo nas capelas góticas, fragmentos dos "Niebelungen" confundidos com os murmúrios queixosos do Reno e Vistula, as estrofes singelas de Edas sob o nevoento céu da Escandinávia, e ao fim o cantar de Ossian nas colinas de Morvem e nas grutas de Fiagal, cantar majestoso e profético como os marulhos do oceano que vinham escutá-lo, marcial como essas hordas guerreiras de Erin e da Caledônia!

Todavia houve um povo nas trevas e rudeza da média idade, que, esquecidos nos confins do Oriente até então, tornou-se o intérprete do grandioso e belo, apesar de imputarem o incêndio da biblioteca de Alexandria a Omar. Falo dos sectários do Corão, dos servidores de Alah.

A escolástica rendeu a Avernões, que ressuscitara Aristóteles, imensa veneração, e ainda hoje os mais elevados e grandes artistas curvam o joelho ante a majestade de Alhambra.

Os acontecimentos, porém, ao passar de miríades gerações, modificaram o cenário do mundo.

Em 1453, novo e mais formoso período começou para a humanidade, período que prolonga-se e há de prolongar-se.

Que riqueza de datas divisamos nele!

Como os séculos de Luiz XIV e Leão X se destacam! Que magníficas peripécias! Como Guttemberg, Senefelder, Flávio Gioia, Gama e Colombo legam aos povos divinas e maravilhosas descobertas!

Céu, terra e mar metamorfosearam-se, novos luzeiros iluminaram nossos horizontes.

O mundo marcha... O homem apura-se, e já em seus diários e perenes certames prefere opor as mais das vezes idéia contra idéia, desprezando o desforço da força física. É uma vitória! Enfim o século XIX!

Vós, Senhores, assistindo tão belo espetáculo, o movimento de idéias que se operam em toda a terra, não pudestes ficar indiferentes, também erguestes um monumento, que em tributo à civilização helena, teve o nome de Partenon Literário.

Eu vos saúdo, mocidade do Rio Grande do Sul, por tão nobre empenho! mereceis encômio e animação que meu débil talento não pode neste momento dispensarvos devidamente; porém que, reunindo todo o vigor de que é suscetível, vai ao menos fazer sentir-vos algumas verdades relativas a vossa criação.

São considerações dum irmão que se prende a vós pelos laços do coração e do sentimento, dum homem que confraternizou com as idéias que nobilitam tanto quem as concebe como àquele que as aceita.

Temos uma bela senda a trilhar sobre tapizes de flores; não hoje, talvez amanhã; por isso, caminhemos com prudência e tino...

Terríveis ameaças e fúnebres vaticínios rodeiam-nos. Mecamos hoje os vãos; embora curtos exprimirão muito no recinto de Porto Alegre; e amanhã se mais agradáveis forem os auspícios, será o momento de assoberbarmos as nuvens do céu.

Não vedes o condor? O possante condor antes de remontar os galarins do firmamento, e de sobranceiro fitar no sol sua pupila de fogo, o condor, o próprio condor rastejar a pluma da asa nos rochedos e poeira da terra?

Imitemo-lo.

Lembre-mos que além, fora daquela porta dois monstros nos espreitam com maus desígnios.

Ali estão duas esfinges execrandas, medonhas, pálidas, macilentas, de enormes garras farpantes e acicaladas, aspecto repulsivo, lábios polutos e descorados donde escorre asquerosa baba que mareia, envenena e mata as mais mimosas flores do peito humano, inquietas sempre, olhares ávidos de seiva e sangue, eternamente vigilantes, uma sem consciência, a outra sem remorsos.

Não sabeis de quem falo?

Não conheceis os traços que reproduzo?

Pois bem, uma é o fanatismo industrial, a outra o fanatismo político! Ambas figadais inimigas dos trabalhos e santos adejos do espírito, da inteligência que busca um asilo sereno e grato no clima das letras!

Oh! elas já disseram, soletrando o horóscopo de nosso monumento sobre um esquife mortuário, disseram himpando de alegria: o **Partenon Literário** terá pouca dura, sua existência será breve, as escassas colunas que hoje o sustentam se esborroarão, e sua graciosa e elegante cúpula que destaca no azul ambiente se abaterá, apenas mostrando em terra um acervo de ruínas!

Oh! não!... Não morrerá a idéia civilizadora! Não... Confio em vós, nova geração de obreiros do progresso, mocidade estudiosa do Rio Grande do Sul, que erguestes um lábaro — símbolo de amor e entusiasmo às letras no meio do indiferentismo que gela as crenças, apaga as aspirações de fogo e quebra as asas diamantinas do gênio!

Oh! não!... Não morrerá! Confio em vós, ilustres membros do **Partenon Literário**, e na cidade de Porto Alegre, que deve orgulhar-se com as festas da inteligência.